

O ecossistema comunicativo dos blogs brasileiros feitos por mulheres sobre o futebol de mulheres¹

Flaviane Rodrigues Eugênio ²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar mídias alternativas feitas por mulheres, sobre o futebol feminino, a fim de compreender como são os conteúdos e como/se eles contribuem para novas narrativas que não as hegemônicas. Para isso, um mapeamento de iniciativas alternativas foi realizado, o que resultou em 48 iniciativas, para este trabalho 8 blogs foram amplamente analisados, a partir da análise de conteúdo. A partir da análise foi possível perceber que os blogs podem acionar temáticas diferentes da mídia tradicional, assim como reproduzir o que já é feito, isso se dá, pelo que chamamos de ecossistema comunicativo

Palavra-chave: Mídia alternativa; futebol de mulheres; ecossistema comunicativo.

1 – Mídia esportiva tradicional e alternativa: entre perspectivas dominantes e novas narrativas

O futebol, embora seja um esporte tido como paixão nacional, pode ser considerado um ambiente masculino (Goellner, 2005), por isso, é possível afirmar que o futebol masculino que ocupa o imaginário social de paixão nacional (Silva, 2015) e não o de mulheres. Diante desse fato, é possível dizer que o ambiente esportivo é excludente com as mulheres do esporte. Isso se dá pela própria origem elitista do futebol, que é oriundo da Inglaterra e no Brasil foi apresentado primeiro à elite brasileira (Franco Júnior, 2007).

Autores como Salvini e Marchi Júnior (2013^a; 2013; 2013c) e Mourão e Morel (2005), dentre outras, constataam que a mídia esportiva em diversos momentos estereotipa as mulheres jogadoras, ou ainda, coloca a modalidade feminina em detrimento da masculina, representações que contribuem com os estigmas e dificuldades enfrentadas pela modalidade feminina do futebol. Rowe (2007) aponta que o jornalismo esportivo é feito em sua maioria por homens e para os homens, o que explica as notícias estereotipadas. Fiuza e Prado (2018) explicam que diante de um ambiente masculino, as

¹ Trabalho apresentado no GP de esporte e comunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais e integrante do grupo de pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas, Coletivo Marta.

mulheres jornalistas possuem dificuldades de sugerir pautas que fujam do tradicional e que rompem assim com a representação e as narrativas que são propagadas. Ainda em se tratando das jornalistas, Turchi e Silva (2020) ao fazerem um perfil das profissionais na cidade de Belo Horizonte perceberam que a maioria são mulheres jovens, solteiras, heterossexuais e brancas, o que nos leva a inferir que o campo jornalístico possui um padrão definido e que por isso, as mulheres negras são a minoria, da minoria de mulheres.

Emerge outra temática importante deste trabalho, a interseccionalidade e como ela pode auxiliar nos estudos que investigam gênero e esporte. Crenshaw (2002) postulou o termo interseccionalidade, a fim de incluir mulheres negras nos estudos de gênero, já que estas eram costumeiramente excluídas, visto que muitas perspectivas do feminino branco (como é lido atualmente) não englobavam as dificuldades das mulheres negras. A interseccionalidade, que também é trabalhada por Collins e Bilge (2021), se configura como uma maneira de olhar para as opressões de maneira interligada, pois as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais.

Vimieiro *et al.*, (2021) observaram que os estudos de gênero não englobam os estudos interseccionais nas análises e assim, tal perspectiva ainda não foi amplamente explorada neste campo de conhecimento, bem como na comunicação (LAGO; KAZAN, THAMANI, 2018). Diante disso, pouco se sabe sobre mulheres que comunicam em espaços alternativos e também sobre os conteúdos que são produzidos. Além disso, a própria mídia alternativa é pouco explorada nos estudos que falam de esporte e comunicação (Fortes, 2011, 2014).

2 – Análise e algumas considerações

É pensando nas problemáticas expostas que este trabalho se insere, com o objetivo de preencher lacunas pouco exploradas no referido campo de estudo. Para isso, um mapeamento de mídias alternativas foi realizado, chegando a um total de 48 mídias feitas por mulheres e que falam do futebol feminino. Após o momento e análise quantitativa dessas iniciativas, já apresentada anteriormente, uma análise qualitativa de 8 blogs foi realizada onde constata-se que há uma ecossistema comunicativo formado por algumas dessas iniciativas, o Dibradoras através de uma cobertura mais politizada, que tem inclusive abordagens interseccionais, ainda que não numerosamente. O Galo

Delas, por meio de um conteúdo mais acadêmico, expresso pelas referências utilizadas para abordar temáticas caras ao futebol. Já o Planeta Futebol Feminino reproduz mais o conteúdo de sites como o Globo Esporte, o que em se tratando do futebol de mulheres é muito importante. Ao passo que o Peppas na língua já tem uma abordagem mais voltada para a mulher torcedora, embora fale do Palmeiras feminino.

Referências

COLLINS, P. H; BIRGE, S. **Interseccionalidade**/ Patricia Hill Collins, Sirma Birge; tradução Rene Souza. – 1 ed.- São Paulo : Boitempo, 2021.

CRENSHAW, K. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Revista Estudos Feministas, ano 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

FORTES, R. Um balanço dos estudos de esporte no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação de 2012. In: **Revista Contracampo**, v. 30, n. 2, ed. Págs: 83-98. agosto-novembro ano 2014. Niterói: Contracampo, 2014.

FRANCO JÚNIOR, H - **A dança dos deuses: futebol. Cultura, sociedade**/ Hilário Franco Júnior. -1 ed- São Paulo: Companhia das Letras, 2007

GOELLNER, S; V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005

LAGO, C; KAZAN, E; THAMANI, M. **Jornalismo e estudos de gênero: e a interseccionalidade, onde está. Desigualdades, Relações de Gênero e Estudos de Jornalismo**. São Paulo: Intercom, 2018.

MOURÃO, L; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005

PACHECO, L; T. SILVA, S; R. Mulheres e jornalismo esportivo: possibilidades e limitações em um campo masculino. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, 2020

ROWE, D. Sports journalism: Still the toy department of the news media?. **Journalism**, v. 8, n. 4, p. 385-405, 2007.

SILVA, G; C. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. 2015. Dissertação de mestrado.

SALVINI, L; MARCHI JÚNIOR, W. Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990. **Movimento**. Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 95-115, jan/mar de 2013.

_____. Notoriedade mundial e visibilidade local: O futebol feminino na revista placar na década de 1990. v. 1, n. 1, pag. 145-159. fev 2013.

_____. Velhos tabus de roupa nova: o futebol feminino na revista Placar entre os anos de 2000-2010. **Praxia**, Vol. 1, No. 2, pag. 55-66, abril, 2013.

TOFFOLETTI, K. **Identification, Participation, Representation**. First published 2017 by Routledge 711 Third Avenue, New York, NY 10017. 2017 Kim Toffoletti.

VIMIEIRO, A C. EUGÊNIO, F R. PILAR, O. **A produção acadêmica sobre gênero e esporte no Brasil (2000-2020)**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.